

Ao calor do sol

Tradução de Gizelda Ribeiro da Silva¹

Revisão de Meiko Shimon

Foi no outono, quando eu tinha vinte e três anos, que encontrei uma garota em uma hospedaria à beira-mar. Foi o começo do amor.

A garota subitamente levantou a manga do quimono, ainda de pescoço ereto, encobrendo, assim, o rosto.

Ao ver isso, me dei por conta, mais uma vez, desta minha péssima mania. Fiquei embaraçado e não pude esconder minha aflição.

— Estou olhando demais para o seu rosto, não é?

— Sim... — Mas, nem tanto assim.

Tinha uma voz meiga, e achando graça do que disse, senti-me um pouco aliviado.

— Não posso?

— Poder até que pode, mas... — Bem, está tudo bem.

A garota abaixou a manga do quimono com uma expressão que denotava um leve esforço no intuito de suportar o meu olhar. Então, desviei os olhos para o mar.

O fato é que tenho a mania de ficar olhando fixamente o rosto da pessoa que está na minha frente, a ponto de lhe causar constrangimento. Tenho pensado em corrigir essa mania, mas não olhar o rosto da pessoa que está perto de mim é algo que me deixa muito angustiado. Então, todas as vezes que me dou por conta dessa mania, sinto uma violenta repugnância de mim. Desconfio de que me tornei assim, porque, quando criança, ainda na época em que perdi meus pais e minha casa, e estive sob tutela de família alheia, teria tentado ler na fisionomia das pessoas o que elas estariam pensando.

Certa vez, refleti seriamente se essa mania havia começado depois que fui entregue em casa alheia, ou então bem antes, ainda na minha própria casa, porém não me ocorria lembrança alguma que pudesse aclarar esta questão.

— Contudo, nesse momento, a praia arenosa do mar, para onde desviei o olhar, a fim de não fitar a garota, estava ensolarada, tingida pela

¹Bacharel em Japonês-Português/Espanhol-Português pela UFRGS e Professora Substituta do Setor de Japonês do Instituto de Letras - UFRGS

luz do sol de outono. Esse lugar ensolarado evocou-me, subitamente, longínquas e esquecidas memórias.

Depois que meus pais morreram, morei com meu avô, cerca de dez anos. Vivíamos, apenas nós dois, em uma casa no interior. Meu avô era cego. Por anos a fio, ele ficava sentado, virado para o leste no mesmo lugar da mesma sala, na frente de um braseiro. Às vezes, balançava a cabeça e virava para o sul. Porém, nunca virou o rosto para o norte. Quando percebi essa mania sua, fiquei bastante impressionado pelo fato de girar a cabeça só para um lado. Muitas vezes me sentava na frente do meu avô por longo tempo e ficava olhando fixamente o seu rosto, para ver se pelo menos uma única vez viraria para o norte. Entretanto, como um boneco elétrico que virava a cabeça a cada cinco minutos para a direita, o meu avô só virava para o sul, e isso me deixava triste, e ao mesmo tempo me dava arrepios. O sul é onde há o calor do sol. Imaginei que, apesar de cego, ele podia sentir uma tênue claridade no lado do sul.

— Estava me lembrando, nesse momento, do calor do sol que eu havia esquecido.

Encarava o rosto de meu avô, sempre desejando que virasse para o norte. E, já que era cego, era natural que eu olhasse demoradamente para aquele rosto e por repetidas vezes. Compreendi, com estas memórias, que era por isso que tinha essa mania de ficar olhando o rosto das pessoas. Essa mania vinha desde os tempos em que vivia em minha própria casa, logo, não era resquício de um coração ignóbil. Por isso, posso tranqüilamente ter compaixão de mim por ter adquirido tal mania. Pensando assim, fiquei tão contente que tive vontade de dançar. Minha felicidade era ainda maior, pois, por causa da garota, encontrava-me no momento em que meu coração estava transbordando de tanta vontade de ter a alma purificada.

Ela disse ainda:

— Já estou me acostumando, embora me sinta um pouco encabulada.

Havia em sua voz um certo tom de consentimento para que eu continuasse olhando-a. Pareceu-me que ela pensara que o seu gesto me ofendera.

Com o rosto radiante, eu a olhei. Ela ficou um pouco ruborizada e lançou-me um olhar malicioso.

— Não estou preocupada, porque o meu rosto daqui algum tempo não será mais novidade, pois você vai poder olhá-lo dia e noite, não é mesmo? Falou como se fosse uma criança.

Dei uma risada. Senti, repentinamente, que entre nós a intimidade crescia. Desejei sair ao calor do sol, na praia arenosa, em companhia da garota e das lembranças do meu avô. **(Hinata, 1923)**